

# *Café Oriental*

(Egípcio)

*Inaugurado em 19 - XII - 1925*

## Esbôço explicativo

Apresentado por

José das Candeias Sales e Susana Mota



de minimis

Sociedade Martins Sarmiento  
Guimarães, 2025

# *Café Oriental*

(*Egípcio*)

*Inaugurado em 19 - XII - 1925*

## Esbôço explicativo

Apresentado por  
José das Candeias Sales e Susana Mota

Praça D. Afonso Henriques  
[Toural]

## Guimarães



de minimis

Sociedade Martins Sarmiento  
Guimarães, 2025

*Café Oriental (Egípcio) / Esboço explicativo*

**Autor**

Luís Augusto de Pina Guimarães (atribuído)

**Apresentação**

José das Candeias Sales e Susana Mota

**Coordenação**

Direção da Sociedade Martins Sarmento

**Edição**

Sociedade Martins Sarmento

Rua Paio Galvão

4810 426 Guimarães

Dezembro de 2025

**Coleção**

de minimis / 004

**ISBN**

978-989-8706-21-8

**Depósito Legal**

284714/08

Publicação com o apoio do Município de Guimarães



## APRESENTAÇÃO

Em espanhol usa-se habitualmente o termo *enborabuena* para expressar votos de parabéns. Em português, a sonoridade da palavra lembra claramente “em hora boa”/ “em boa hora”, permitindo associar-lhe um significado paralelo, digamos assim, que, não obstante, concorre para o primeiro, ampliando-o, densificando-o. Esta interjeição parece-nos muito ajustada para iniciar esta apresentação como se perceberá.

Foi há cem anos, a 19 de Dezembro de 1925, que ocorreu a solene inauguração em Guimarães, na Praça do Toural, do Café Oriental, estabelecimento marcado por uma inusitada decoração pintada nos tectos e paredes, por um *design* de mobiliário e uma arquitetura de interiores inspirados em motivos da antiga civilização egípcia.

O empreendimento, atribuído a quatro sócios-proprietários (os irmãos José da Costa Magalhães e Francisco da Costa Magalhães, Eugénio Leite Basto e José Fernandes da Costa Abreu), contou com a prestimosa acção de Luís Augusto de Pina Guimarães, artista vimaranense, tendo merecido amplo destaque

na imprensa local (ex.: *Echos de Guimarães*, *O Commercio de Guimarães*, *A Razão*, *A Ortiga*) como um novo espaço de urbanidade e convivialidade, confortável, luxuoso, moderno.

A “alma” da intervenção decorativa foi, de facto, o capitão Luís Augusto de Pina Guimarães (1867-1941), “um artista e um talento de invulgar grandeza”, como se escreveu na altura, que contou com a colaboração do pintor Joaquim Panchorca. Responsável pela ímpar e invulgar concepção e decoração do espaço da casa de café, onde deu asas à sua criatividade artística e habilidade técnica, baseando-se e inspirando-se nos motivos do antigo Egipto, o já aposentado capitão do exército brindou-nos ainda com uma peça de extraordinário valor que intitulou *Esbôço explicativo*, onde o estilo e os diversos elementos constituintes do estabelecimento da cidade são devidamente explicados, descritos e enquadrados.

É notável o excepcional carácter documental deste contributo que ajuda a compreender melhor a “decoração oriental egipcianizante” do novo espaço coqueluche da cidade de Guimarães em meados dos anos vinte do século passado, com a sua imponente decoração, fascinantes pinturas, esculturas, mesas, cadeiras e colunas.

Desde logo, é preciso reconhecer no Café Oriental e no *Esbôço* o forte impacto, sentido um pouco por todo o mundo e também, portanto, em Portugal, da descoberta, em 1922, do túmulo de Tutankhamon, o faraó egípcio do Império Novo (XVIII Dinastia), que reinou entre 1333 e 1323 a.C., então na moda, sobretudo na Europa ocidental.

Ainda assim, o texto do *Esbôço explicativo* surpreende pelo seu carácter egiptológico e pelo inesperado conhecimento da arte e da arquitectura do antigo Egipto que o seu Autor revela. A notável capacidade e qualidade da execução técnico-artística a que a imprensa local prestara justo tributo e que as fotografias existentes fazem jus, tem subjacente uma aprofundada e apurada erudição em relação aos motivos e às manifestações estético-artísticas do tempo dos faraós.

A extraordinária riqueza informativo-descritiva do *Esbôço explicativo* de Luís Augusto de Pina Guimarães, fruto inequívoco dos seus conhecimentos sobre as “últimas investigações nos túmulos” e da sua pesquisa em obras e estudos egiptológicos do final do século XIX-início do século XX, é particularmente relevante. De forma explícita, menciona “Ch. Chipiez”, onde reconhecemos o arquitecto e egiptólogo francês Charles Chi-

piez (1835-1901) que, em 1883, em Londres, publicara, conjuntamente com Georges Perrot, uma obra intitulada *A history of Art in Ancient Egypt*, em dois volumes. A grafia usada para as designações onomásticas e toponímicas e os dados cronológicos de referência indicam claramente o compulsar directo deste trabalho.

A obra de Chipiez é a principal fonte para a descrição dos elementos do *Esbôço explicativo* e para a execução das formas arquitectónico-escultóricas seleccionadas para o Café Oriental que, assim, se apresentam como “cópias exactas e proporcionalmente reduzidas”, por exemplo, de colunas e janelas cle-restóricas de pedra da sala hipostila de Karnak na parte superior do balcão, como afortunadamente nos deixam também perceber as fotografias chegadas até nós.

A descrição e painel do faraó Ramsés II enfrentando sozinho, no seu carro de guerra, as hostes hititas, na célebre batalha de Kadech, travada c. de 1285 a.C., nas margens do rio Orontes, recolhidos e percebidos no Vol. I da história de arte no antigo Egipto de Charles Chipiez e Georges Perrot, também pode ter sido consultada na obra *Monuments de l'Égypte et de la Nubie (1835-1845)*, de Jean-François Champollion, embora

sobre isso não tenhamos qualquer informação firmada por Luís de Pina Guimarães. A consulta da obra de Champollion teria a vantagem de permitir verificar a cor de alguns dos desenhos, vertente ausente no trabalho de Chipiez, e a que o nosso Autor foi obviamente muito sensível no respectivo painel mural pintado no Café Oriental. O eventual recurso a Champollion parece-nos também ser muito plausível no que diz respeito à cena de protecção de Amenhotep III, ajoelhado, entre Amon-Ré e Ré-Horakhti.

O capitão-artista foi ao detalhe de copiar igualmente os hieróglifos associados às antigas composições egípcias. Nem o Autor nem os clientes do café saberiam, seguramente, ler a escrita hieroglífica egípcia e entender as suas mensagens, mas a representação iconográfica de tão enigmáticos e figurativos signos funcionava como um eloquente elemento decorativo e ajudava a ampliar a desejada ambiência orientalizante do estabelecimento do Largo do Toural, certamente para deleite dos seus fregueses.

Ao documentar-se de forma rigorosa e detalhada para o trabalho artístico que se propunha realizar, o militar-artista fundamentava as suas opções por determinadas soluções parietais

e escultóricas para o Café Oriental e dotava o seu trabalho de uma imitação com convincente verosimilhança dos monumentos e manifestações do antigo Egipto, revelando, assim, preocupações similares, acrescentamos nós, às que manifestavam também os antigos “artistas” egípcios: equilíbrio, harmonia, graciosidade, elegância.

No *Esbôço* de Luís Augusto de Pina Guimarães nada nos é dito sobre o mobiliário do Café Oriental. Felizmente, contamos com as fotografias de Domingos Alves Machado (1882-1957), o “fotógrafo Machado”, proprietário das empresas de fotografia “Foto-Eléctrica Moderna” e “Foto Moderna” de Guimarães, com alguns exemplares, recuperados e digitalizados, hoje no arquivo digital de *A Muralha, Associação de Guimarães para a Defesa do Património*, e sabemos que a sua execução foi acometida à marcenaria local “Neves & Companhia”. É muito provável que o Autor tenha estado igualmente associado aos ornamentos egípcianizantes do mobiliário a elaborar. O que é de salientar é que o projecto cenográfico interior do Café Oriental ganhou também com esse singular elemento uma maravilhosa expressão.

É certo que o *Esbôço explicativo* também não está datado, mas

o intervalo provável situa-se entre o *terminus ante quem* (a descoberta do túmulo de Tutankhamon no final de 1922, a que o texto faz indirecta referência) e a inauguração do espaço no Largo do Toural no final de 1925, pressupondo, forçosamente, o trabalho de construção e decoração do café durante um período considerável (talvez todo o ano de 1925), o que torna plausível que o Esbôço tenha sido redigido em 1923-1924.

O *Esbôço explicativo do Café Oriental* que agora temos em mãos é um eco pujante do revivalismo egípcio que o Café Oriental inequivocamente patenteou como expressão artística de um projecto de intervenção arquitectónico-decorativa muito bem documentado. Mas é mais do que isso: é um inestimável contributo para evocar o imaginário do centro histórico da cidade de Guimarães e deste seu raro estabelecimento comercial de marcado cunho oriental, enquanto nos interpela, cem anos depois, sobre a forma como devemos lidar criteriosamente com a preservação do passado, através das notícias da imprensa, dos registos fotográficos, das memórias pessoais e das peças de mobiliário que felizmente chegaram até nós. Neste sentido, é manifesto o reconhecimento e os parabéns

que são devidos à Sociedade Martins Sarmento pela oportuna edição deste fac-símile do *Esbôço explicativo do Café Oriental*, enriquecido com algumas fotografias do interior que existem na Coleção da Muralha, e por, cem anos depois da sua inauguração, manter viva a memória do Café Oriental da Praça do Toural, um dos mais belos e ricos exemplos de Egiptomania em Portugal.

Enhorabuena!

Lisboa, Julho de 2025

José das Candeias Sales e Susana Mota





## LUÍS AUGUSTO DE PINA GUIMARÃES (1867-1941)

### NOTA BIOGRÁFICA

Nasceu a 25 de agosto de 1867, em Guimarães, na freguesia de São Sebastião, filho de Luís de Pina, cutileiro e industrial de serralharia, e de Eugénia Maria Fernandes, louceira. Depois de uma passagem pela atividade comercial, no Porto, seguiu a carreira militar, alistando-se no Regimento de Artilharia n.º 1, em Lisboa, e cursando a Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas. Ao terminar o curso (1897), ali se casou com Rita da Conceição Ferreira, tendo ambos rumado logo em seguida para Angola, onde o jovem alferes integrou o contingente expedicionário colonial, desempenhando funções militares e administrativas. Em Luanda nasceram os primeiros filhos do casal, Eugénia Belém e Luís José de Pina (1901-1972), que viria a ser médico e professor catedrático da Universidade do Porto. Executou levantamentos topográficos e traçou importantes itinerários militares, participou em campanhas militares no Humbe e na região dos Dembos, e recebeu diversas distinções e louvores, tendo sido promovido a tenente em 1902 e a capitão

em 1908. Regressou a Portugal em 1909, por motivos de saúde, tendo-se aposentado do Exército no ano seguinte. Depois de uma passagem por Vendas Novas, fixou-se nesse mesmo ano em Guimarães, com a família. O casal teve ainda duas outras filhas, Laura Ana e Maria José de Pina, mas acabaria por se separar por volta de 1912.

Adepto assumido da República, foi redator e secretário da redação do semanário republicano *Alvorada*, a partir de 1911, ano em que também se tornou associado da Sociedade Martins Sarmiento. Ingressou na Repartição de Obras da Câmara Municipal de Guimarães, e, sob a presidência de Mariano Felgueiras, delineou a planta do projeto geral de melhoramentos da cidade (1923-1925), entre outros importantes trabalhos topográficos e urbanísticos. Dedicou-se igualmente à pintura e ao desenho, com o seu “lápiz engenhoso e hábil”.

É de sua autoria o projeto do Café Oriental, inaugurado em 1925, então o mais emblemático café de Guimarães. É autor do mapa dos castelos de Portugal, incluído em Portugal Turístico n.º 2 (1936), um desdobrável editado pelo Conselho Nacional de Turismo. Publicou o opúsculo *Campanha do Humbe* (1938), onde descreve esta operação militar, levada a

cabo no sul de Angola, em 1897-98, numa região hostil à ocupação colonial portuguesa.

A sua morte, a 2 de novembro de 1941, na residência à Rua Paio Galvão, em Guimarães, suscitou uma profunda manifestação de pesar público, a que se associaram inúmeras individualidades e agremiações.

Novembro de 2025

A Direção da Sociedade Martins Sarmiento

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### MANUSCRITOS

PT/AMAP/PRQ/PGMR63/001/P-456/P-456-F.62(V)-194 - Registo de batismo de Luís [Augusto de Pina Guimarães]

### BIBLIOGRAFIA ATIVA

C.M.G., 1925. *Alargamento da cidade e novos Paços do Concelbo. Memórias descritivas*. Câmara Municipal de Guimarães, Guimarães [Planta do projeto geral de melhoramentos desenhada por Luís de Pina Guimarães].

C.N.T., 1936. *Portugal Turístico. N.º 2. Castelos*. Conselho Nacional de Turismo, [Lisboa] [Mapa desenhado pelo Capitão Pina Guimarães].

Guimarães, L. A. P., 1938. *Campanha do Humbe. 1897-98*. Coleção pelo Império, n.º 44, Agência Geral das Colónias, [Lisboa].

### BIBLIOGRAFIA PASSIVA

#### PERIÓDICOS

«Boletim. 2.º e 3.º trimestre de 1911», por José da Costa Santos Vaz Vieira. *Revista de Guimarães*, vol. 28, fasc. 3-4, Jul.-Dez. 1911, pp. 174-181.

«Capitão Luís Augusto de Pina Guimarães», por Eduardo d'Almeida. *Notícias de Guimarães*, ano 6.º, n.º 289, 22-08-1937, p. 1.

«A morte do Capitão Luiz Augusto de Pina Guimarães». *O Comercio de Guimarães*, ano 58.º, n.º 5227, 7-11-1941, p. 1.

«Falecimentos e Sufrágios. Cap. Luís de Pina Guimarães». *Notícias de Guimarães*, ano 10.º, n.º 510, 9-11-1941, p. 2.

«O Capitão Pina Guimarães», por António Amaro das Neves. *Guimarães Digital*,

23-09-2025 [em linha]. Disponível em: <https://www.guimaraesdigital.pt/index.php/informacao/opiniao/95447-o-capitao-pina-guimaraes>

## OUTRAS PUBLICAÇÕES

Araújo, F. M. 2013. «Luís de Pina». *In*: Neves, A. A. (coord.), *Biografias Vimaraneses*. Fundação Cidade de Guimarães, Guimarães, pp. 375-408.

Sales, J. C.; Mota, S. 2024. «Secção 2. Impactos da descoberta do túmulo de *Tutankbamon* em Portugal. Capítulo 4. O Café Oriental de Luís de Pina Guimarães». *In*: Sales, J. C.; Mota, S., *Tutankbamon em Portugal. Relatos na Imprensa Portuguesa (1922-1939). De um projecto de investigação a uma Exposição comemorativa*, Universidade Aberta, Lisboa, pp. 156-172 - DOI: <https://doi.org/10.34627/uab.cc.27>



Café Oriental. Fachada. Entre 1925 e 1928. (Coleção de fotografia da Muralha)



Café Oriental. Interior. Entre 1925 e 1928. (Coleção de fotografia da Muralha)



Café Oriental. Interior. Entre 1925 e 1928. (Coleção de fotografia da Muralha)





Café Oriental. Interior. Entre 1925 e 1928. (Coleção de fotografia da Muralha)





# Café Oriental

— (Egípcio) —

:: :: INAUGURADO EM 19 — XII — 1925 :: ::

Esbôço explicativo



Praça D. Afonso Henriques

— (Toural) —

— GUIMARÃES —





<sup>1</sup> Em Egiptologia é habitual trabalhar-se com 30 Dinastias e não apenas com 26, da mesma forma como não se considera a civilização egípcia no seu todo histórico como escravagista. Ainda assim, todas as referências cronológicas que se seguem no documento de Luís de Pina Guimarães estão alinhadas com o que a Egiptologia científica convencionou e aceita.

# CAFÉ ORIENTAL

— ESBÔÇO EXPLICATIVO —

## PRELIMINARES

*O estilo adoptado neste estabelecimento diz respeito ao antigo Egipto, através de 5.000 anos duma civilização brilhante, atestada pelas ruínas dos seus grandiosos monumentos, pelas obras de arte dispersas pelos museus e até pelas últimas investigações nos túmulos dos seus reis (faraós).*

*A disposição architectónica e os vários motivos decorativos estão combinados de modo a formar um conjunto harmónico no recinto a aproveitar, dando-se aos coloridos a ilusão do baixo relevo, que era gravado na pedra.*

*E' um pequeno repositório por onde passam cincoenta séculos de grandeza dum povo que vinte e seis dinastias dominaram, mas à custa de cuja escravidão a Arte fulgiu até à perfeição máxima atingida na genial Grécia.*

<sup>2</sup> No português actual usam-se as formas Medinet-Habu e Tebas.

## MEMÓRIA DESCRITIVA

**Portas da rua.** Baseadas nas que Ch. Chipiez imaginou na reconstituição do pavilhão rial de Ramsés III, da XX dinastia (32 séculos), em Medinet-Abou (Thebas), na margem esquerda do Nilo, Egipto médio.

**Coluna Central.** (Para apoio forçadamente local dos vigamentos principais). Cópia exacta e proporcionalmente reduzida das doze colunas maiores da grande Sala hypostila do célebre e gigantesco templo de Karnak, em Thebas, margem direita do Nilo, edificado em honra do deus Ammon. Sôbre o seu capitel campaniforme, em flôr de loctus aberta, assenta a arquitrave superior. Aquelas colunas têm 22 metros de altura por 3 de diâmetro, e sôbre o seu capitel podem acomodar-se cem pessoas. Levou 3.500 anos a construir êste templo.

**Colunas pequenas.** (Para obrigado apoio do patamar e lanços das escadas). Cópia igualmente reduzida, das 122 colunas laterais, menores, da mesma sala. Sôbre

<sup>3</sup> Luís de Pina Guimarães menciona com rigor as 134 colunas da sala hipostila do templo de Amon, em Karnak, iniciada por Ramsés I, edificada por Seti I e terminada e decorada por Ramsés II (XIX dinastia), distinguindo perfeitamente as 12 maiores das restantes 122 menores e a existência de gelosias de pedra que colmatavam lateralmente as diferenças de altura das colunas. Ciente dos diferentes capitéis existentes (a que chama, no fundo, campaniformes e lotiformes e que nós, hoje, chamamos papiriformes e lotiformes, respectivamente), faz ainda a subtil distinção de serem abertos (os primeiros) e fechados (os segundos).

<sup>4</sup> Alusão ao faraó-Serpente ou faraó-Djet ou Uadjit, que reinou na I Dinastia, c. de 3055 a.C., e cuja estela com o seu nome, proveniente do seu túmulo em Abidos, se encontra no Museu do Louvre (E 11007) - <http://bit.ly/4nrVj0n>.

<sup>5</sup> Forma de grafar “Khonsu”, o deus-filho da tríade de Tebas, com o deus-pai Amon e a deusa-mãe Mut.

os seus capiteis, em botão de loctus, assenta a arquitrave inferior, com suas estreitas clara-boias ajaneladas, em pedra, «claus-tras», para efeitos de luz interior através dos extensos alinhamentos das colunas.

3

**Fundo do balcão.** Pilares, cornija «gorja» e parapeito copiados do pequeno templo da ilha de Elefantina, ou do Sul, na fronteira meridional do Egipto, mandado construir por Amenófis III, da XVIII dinastia (35 séculos).

Para encobrir o primeiro lanço de escadas no local destinado á porta dos *guichés* e às duas estantes laterais, imitou-se o portal truncado, vulgar no Egipto, formado por dois pilares em que se firmava a porta principal do pavilhão rial de Medinet-Abou, acima citado.

**Porta lateral do balcão.** Da stela do rei Serpente (câmara funerária).

4

**Porta lateral de acesso.** Estilo geral egípcio, mas cópia da porta do templo de Khons, muito característica.

5

**Janela imediata.** Semelhante ás janelas do pavilhão rial já citado.

### **Estátuas.**

**Rámsés II,** da XIX dinastia (3.200 anos). Cópia da estátua dêste faraó, que se conserva no museu de Berlim (Alemanha). Estas

<sup>6</sup> Hoje, é mais habitual denominar a princesa como Nofret ou Nefret. A estátua em causa, encontrada em Meidum, é da V dinastia e está, de facto no Museu do Cairo, sob o número de catálogo CG 4. Faz par com a estátua do príncipe Rahotep (CG 3) - <http://bit.ly/3KniYRf>.

<sup>7</sup> Os abutres profusa e intensamente pintados, com fortes azuis, vermelhos e brancos, eram motivos artísticos relativamente comuns nos tectos, lintéis, paredes e portais superiores de entrada dos templos egípcios do Império Novo e do Período Ptolomaico. De compridas asas abertas, as aves seguram nas garras os chamados símbolos-chen, pequenos círculos que se consideravam signos de proteção eterna, que aqui Luís de Pina Guimarães chama “sêlos”.

<sup>8</sup> Forma de grafar “Kheper”, numa alusão à designação egípcia para escaravelho e que é também a onomástica para o deus solar que, todas as manhãs, segundo a concepção mitológica egípcia, empurrava o sol nascente, como o resto da frase também menciona.

<sup>9</sup> Pretende-se aqui aludir a uma forma composta do deus solar Ré (em vez de “Phré”) e do deus com cabeça de falcão Hórus, que habitualmente se designa como Ré-Horakhti - <http://bit.ly/46LnzUv>.

<sup>10</sup> Hoje é comum grafar-se simplesmente “Amon”, sem dobrar a consoante. Da mesma forma, usa-se Amon-Rá ou, talvez mais perto da prosódia antiga egípcia, Amon-Ré.

imagens comuns dos faraós obedeciam a formas tradicionais e a um domínio completo de técnica. Aos lados do trono estão gravadas as plantas simbolizando a união dos dois Países.

*Nafrit*, de Meidum. Cópia da estátua desta princesa da IV dinastia (4.700 anos), que se conserva no museu do Cairo (Egipto), considerada obra prima pela sua beleza escultural.

***Tecto principal.*** Nos templos thebanos eram os *plafons* pintados de azul, vendo-se voar, uns atrás de outros, numa profusão de estrêlas, grandes abutres de azas abertas, levando nas garras o *sêlo*, emblema da reprodução e da eternidade, e a pluma, símbolo da rialeza.

***Tecto inferior.*** Ornado de rosetas e escaravinhos alados (deus Cheperer), símbolos da perpetuidade da vida, fazendo rolar diante de si, o ovo do sol, fecundado para Nut, deusa do céu.

### ***Panneaux.***

***Primeiro***, à esquerda da entrada: Amenófis III, faraó da XVIII dinastia (3.500 anos), apresentado por (Phré?) Horus, representante do céu e do sol, a Ammon-Ra, Ammon Sol. Nas mãos dos deuses e dos faraós,

<sup>11</sup> O símbolo aqui referido é conhecido como *ankh*, símbolo da vida.

<sup>12</sup> No português actual é mais correcto grafar “Khnum”, forma mais próxima do antigo egípcio. Trata-se de um deus habitualmente representado de forma híbrida (corpo humano com cabeça de carneiro) que, segundo a mitologia de Elefantina, no sul do Egipto, era um demiurgo e deus da fecundidade que criara o homem a partir do barro, pelo que também era referenciado como o “oleiro”.

<sup>13</sup> Gizé ou Guiza.

vê-se o "hieroglifo" ou cruz da vida, símbolo da imortalidade da alma.

11

*Segundo*, idem: Seti I, faraó da XIX dinastia (3.300 anos), com os atributos de Osíris, entre Ammon-Ra, a quem presta suas homenagens, e Chnum, deus da fecundidade e da criação.

12

*Terceiro*, idem, pequeno, sob a janela: Julgamento perante Osíris, deus dos mortos, filho do Céu e da Terra. Vinheta extraída de um papyrus funerário da rainha Makèriya, da XXI dinastia (3.000 anos). Vê-se nela o deus Anubis, com cabeça de chacal, e que presidia à sepultura e ao embalsamento, pesando o coração do julgado; Thot, conselheiro e secretário do estado de Osíris; Apet, com cabeça de crocodilo, símbolo da maternidade e da lactação; e a deusa Isís, mulher de Osíris.

*Ao fundo*. Característica vista da esfinge e das pirâmides, perto de Giset e do Cairo, Baixo Egipto, (48 séculos), célebres por serem consideradas uma das sete antigas maravilhas do mundo e por se ter ferido á vista delas a "batalha das pirâmides", ganha a 21 de Julho de 1798 por Bonaparte, que para animar as suas tropas ante a aguerrida cavalaria de mamelucos, exclamou, apontando para elas: — "Soldados! do alto daquelas pirâmides quarenta séculos vos contem-

13

<sup>14</sup> A batalha de Kadech, nas margens do rio Orontes, na moderna Síria, opôs, c. de 1285 a.C., as forças militares egípcias comandadas por Ramsés II às do rei hitita Muwatali II.

<sup>15</sup> Tendo o faraó subido ao poder com 25 anos e tendo esta batalha sido travada no seu quinto ano de reinado, teria na altura 30 anos de idade.

plam!" A maior, de Cheops, tem 140 metros de altura e 227 de base. Com a sua pedra construía-se uma muralha em torno da França. A sfinxe tem 17<sup>m</sup> de altura, e representa a fôrça, a prudência e a sabedoria reunidas. Representa tambem a fecundidade que as cheias do Nilo davam ás terras.

*No lado das janelas* «claustras», frente à porta de acesso: Um faraó no terraço do seu palácio, descansando sôbre o leito dourado e ricas tapeçarias, na preocupação dos problemas do seu alto poderío.

*Primeiro*, à direita: Batalha de Ramsés II, filho de Seti I, no templo de Luksor, sul de Karnak. Representa a segunda fase da batalha de Cadesch, no império Cheta (Síria). O célebre faraó, apenas com 25 anos, atacado por 2.500 carros de guerra, lança-se com seu carro, de arco tendido, em meio do inimigo, pondo-o em fuga desordenada com o próprio rei cheta, que foi refugiar-se na fortaleza da cidade, que, por fim, foi tomada.

*Segundo*, idem. Fragmento da grande sala hypostila do templo de Karnak, na antiga Thébas, vendo-se claramente o alinhamento central das doze grandes colunas construídas no reinado de Seti I (3.320 anos), ladeadas pelas colunas mais pequenas, completadas, à direita, por Ramsés II, e sôbre

14

15

<sup>16</sup> Trata-se do símbolo *djed*, símbolo da “estabilidade”, associado ao deus Osíris - <http://bit.ly/4nTI9ch>.

<sup>17</sup> *Uraeus*.

<sup>18</sup> Ptahhotep, em Sakara.

cujo entablamento pousam as janelas «claus-tras». E' um confronto flagrante com a obra executada pelo autor do projecto do esta-belecimento. No último plano, ao fundo, destaca-se um pórtico e um oblisco da parte do templo construído no antigo império, há cinco mil anos.

**Lavatório e espelho.** Ladeados da cercadura do peitoral, ampliado, de Ram-sés II, cujos lavores centrais se acham na parte superior.

**Sôbre o balcão.** Coluna de quatro ca-piteis sobrepostos, «Tat ou Dad», simboli-zando as quatro colunas sôbre as quais os egípcios imaginavam pousar o céu.

16

**Lambris.** Das stelas egípcias de Sitou, estilo usado nas fachadas das casas mem-phitas, tendo por ornatos as fôlhas da flôr de loctus. Os assentos são separados por sfinges, e pequenos pórticos servem de mesa. Escabelos.

**Sôbre as portas e janelas.** Discos solares ou sóis alados, ladeados de dois uréus, cobra sagrada do Nilo, representando o alto e o baixo Egipto. Símbolos.

17

**Nos cunhais das portas de entrada.** Fragmento mural da parte inferior do tú-mulo de Phtah-Hoteps, em Takarah, e colu-

18



nas simuladas, muito características no Egípto antigo.

*Nos cunhais das janelas sôbre as portas.* Hastes com botões e flor de loctus (lódão), flor do Nilo e ornato egípcio.

*Nos espaços sob as vidraças das janelas.* Agricultura, comércio, indústria e Artes. Fragmentos egípcios.

---

*Obs.* Na coluna grande, duas das figuras arcaicas são substituídas por um faraó e uma rainha em trajos de gala.

7

/ 500

*Café Oriental (Egípcio) Esbóco explicativo*, Apresentado por José das Candeias Sales e Susana Mota, com capa com ilustração de Carina Silva, foi composto em caracteres Capsa, seguindo a linha gráfica da coleção *de minimis*, tendo sido impresso em Arena Natural Rough, um papel produzido de acordo com normas respeitadoras do meio ambiente, na Empresa Diário do Minho, Braga, em dezembro de 2025, com uma tiragem de 500 exemplares, numerados e com selo branco da Sociedade Martins Sarmento, dos quais 450 foram postos à venda.

de minimis /004